

# EM BUSCA DE UM CONCEITO DE ORIXALIDADE NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA, A PARTIR DE CIDINHA DA SILVA

Gislaine Imaculada de Matos Silva, Ricardo Magalhães Bulhões

gislaineisa@gmail.com, ricardoufms1@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

**Resumo.** *Cidinha da Silva é uma escritora negra brasileira, mineira, autora de 19 livros. O texto da referida autora tratado neste artigo é o conto chamado “Mameto”, que faz parte de seu livro “Um Exu em Nova York” (2018). Em uma breve síntese, o leitor se depara com Mameto, uma mãe de santo “roçona” (lésbica) e discreta. Certo dia, uma filha de santo a apresentou para uma nova namorada, que era a namorada de uma de suas filhas. Foi um escândalo no terreiro a formação desse novo casal, escândalo relatado pela voz do narrador. No fundo Mameto pouco se importava e sorria dançando no salão, enquanto os orixás faziam festa, exceto Exu. A orixalidade na textualidade de Cidinha da Silva, essa presença dos orixás e entidades, o contato com a religiosidade de matriz africana acontece ao mesmo tempo em que envolvente também de maneira suave. No conto a autora cita orixás como Iansã, Oxum e Exu, relacionando-os com os acontecimentos do texto. Pode-se verificar então que as orixalidades na literatura afro-brasileira vêm para dar voz às religiões de matriz africana no Brasil por meio da textualidade, buscando uma perspectiva que nega as estruturas com viés eurocêntricos e coloniais. É importante destacar aqui que a autora utiliza muito temas como africanidades, orixalidades, ancestralidades, racismo, direitos humanos, entre outros.*

**Palavras-Chave.** *Orixalidades, Literatura afro-brasileira, Religião de matriz africana.*

**Abstract.** *Cidinha da Silva is a black brazilian writer from Minas Gerais, author of 19 books. The author’s text treated in this article is the short story called “Mameto”, which is part of her book “An Exu in New York” (2018). In a brief summary, the reader is faced with Mameto, a “roçona” (lesbian) and discreet mother of saint. One day, a saint's daughter introduced her to a new girlfriend, who was the girlfriend of one of her daughters. The formation of this new couple was a scandal in the terreiro, a scandal reported by the voice of the narrator. Deep down Mameto didn't care and smiled dancing in the hall, while the orixás celebrated, except for Exu. The orixality in the Cidinha da Silva's textuality, this presence of orishas and entities, the contact with African-based religiosity happens at the same time as it is also gently involving. In the short story, the author cites orishas such as Iansã, Oxum and Exu, relating them to the events of the text. It*

*can then be seen that the orixalities in afro-brazilian literature come to give voice to religions of african origin in Brazil through textuality, seeking a perspective that denies structures with eurocentric and colonial bias. It is important to highlight here that the author uses a lot of themes such as africanities, orixalities, ancestry, racism, human rights, among others.*

**Keywords.** *Orixalities, Afro-brazilian literature, Religion of african origin.*

## 1. Introdução

A literatura afro-brasileira desde seus primórdios com foco abolicionista, como no romance “Úrsula” de Maria Firmino dos Reis, vem ganhando espaço ao passar do tempo, inclusive pelo fato de questões relacionadas à raça virem tomando proporções governamentais, com a criação de leis como a “lei de cotas” (lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014) e a lei que estabelece a inclusão obrigatória no currículo oficial da rede de ensino a temática “história e cultura afro-brasileira” (lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003).

Entretanto, é evidente que o racismo estrutural permanece gritante em nossa sociedade. Segundo Silvio Almeida (2020), o racismo estrutural acontece em uma sociedade onde as instituições privadas e governamentais não tratam o racismo de forma ativa como um problema, e reproduz práticas racistas como “normais” em todas as estruturas sociais. Desta forma, “o racismo é uma decorrência da própria estrutural social” (ALMEIDA, 2020, p. 50).

Dalcastagnè (2017), em uma pesquisa entre literatura e estatística, utilizou um corpus de 258 romances publicados entre 1990 e 2004. A pesquisadora observou que entre essa vasta amostragem literária, apenas 5,8% dos personagens eram negros. Ainda, Dalcastagnè (2017, p. 223) acrescenta que “convém observar, há uma presença maior de brancos entre as personagens do que na população brasileira”.

Entende-se então, nitidamente, que negros/negras vem sendo excluídos na literatura brasileira de um papel de protagonismo. Entretanto, observa-se ainda um crescente número de escritores e escritoras negras buscando espaço, e podendo retratar sua própria realidade, ou melhor, suas “escrevivências”, como diz a premiada escritora negra Conceição Evaristo.

Duarte (2019, p. 11), nos faz refletir sobre a questão de raça na literatura:

Literatura tem cor? Acreditamos que sim. Porque cor remete à identidade, logo a valores, que, de uma forma ou de outra, se fazem presentes na linguagem que constrói o texto. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira se afirma como expressão de um lugar discursivo construído pela visão de mundo historicamente identificada à trajetória vivida entre nós por africanos escravizados e seus descendentes. Muitos consideram que esta identificação nasce do *existir* que leva

ao ser negro. Os traços de *negritude*, *negricia* ou *negrura* do texto seriam oriundos do que Conceição Evaristo chama de “escrevivência”, ou seja, uma atitude – e uma prática – que coloca a experiência como motivo e motor da produção literária. (DUARTE, 2019, p. 11).

A partir do século XIX, quando os próprios negros começaram a escrever suas histórias, já se observava a mudança na representação do negro. Segundo o pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2009), há cinco aspectos que configuram a literatura afro-brasileira, sendo eles: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público.

Além disso, na literatura afro-brasileira existe um elemento chamado “orixalidade”, ao qual pretendemos discorrer sobre sua conceituação neste artigo.

Desta forma, este artigo tem como objetivo buscar uma conceituação de orixalidades na literatura afro-brasileira, utilizando-se da produção literária da escritora mineira Cidinha da Silva.

## 2. Literatura afro-brasileira

Ainda tem-se o questionamento de porque separar a literatura afro-brasileira da literatura brasileira de forma geral. Segundo Jean-Yves Mérian (2008, p. 51):

A produção literária brasileira esteve profundamente ligada às ideologias dominantes, e em muitos casos transformou-se em verdadeiros mitos: superioridade da raça branca, branqueamento positivo, democracia racial entre outros. Muitos autores criaram suas obras e construíram seus personagens em função dessas ideologias discriminatórias, para um público que não se preocupava com as ideologias dessas representações. Nos meados do século XIX, precisamente na época do romantismo, embora a população branca não fosse majoritária, pensadores e escritores formularam o conceito do povo brasileiro, em função disso surgiu o mito da superioridade da raça branca e da civilização europeia; assim os negros por representarem a barbárie da escravidão, tornaram-se indignos de aparecerem no cenário dos antepassados da nação brasileira. (MÉRIAN, 2008, p. 51).

Entende-se então que o termo “literatura afro-brasileira” dá um destaque a este tipo de produção ao qual nem sempre teve o seu espaço ao qual lhe é direito. Como já observado, Duarte (2009) pontua os cinco aspectos que configuram a literatura afro-brasileira: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público.

Quanto à temática, de forma geral, diz respeito a abordar não somente o sujeito negro, mas também a história dos negros no Brasil, suas tradições culturais e religiosas. Já com relação à autoria, refere-se ao texto ter sido escrito por uma pessoa negra, sendo que esse dado da raça precisa aparecer na textualidade.

Sobre o ponto de vista, trata-se da visão de mundo a partir do ser negro, da afrodescendência, da experiência do negro e da mulher negra no Brasil. O ponto de vista se desdobra na construção dos personagens e na superação do discurso colonizador.

Acerca da linguagem, que é um dos fatores que compõem a diferença cultural no texto literário, segundo Duarte (2019, p. 38), “a afro-brasilidade tornar-se-á visível também a partir de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil”. Sendo assim, há toda uma semântica própria, que ainda de acordo com Duarte (2019, p. 38), é “empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos da língua”.

Tratando-se do aspecto do público, apenas após a abolição é que se forma um público leitor negro, e esses escritores negros começam a produzir mais literatura, até chegar atualmente aos saraus literários nas periferias, por exemplo.

De forma muito intrínseca, está presente a questão da tradição oral, como por exemplo, nos contos de orixás relacionados a religiões de matriz africana como umbanda e candomblé, onde as histórias são passadas nos terreiros de boca a boca. Um trabalho muito importante de registro desses *itãs* (lendas da cultura iorubá) é o registro de Reginaldo Prandi no livro “Mitologia dos orixás” (2001).

### 3. Orixalidade e Cidinha da Silva

Em uma busca com o termo “orixalidade” nas importantes bases de dados acadêmicos *Scielo* e *Scopus*, no dia 4 de dezembro de 2022, obteve-se nenhum resultado. Entretanto, utilizando esta mesma palavra-chave na base de dados Google Acadêmico no mesmo dia, o resultado foi de 94 documentos.

Porém, entre estes documentos encontrados no Google Acadêmico, em sua maioria as publicações eram relacionadas à afro-teologia<sup>1</sup>, além de publicações com o tema baseado em cinema, dança, teatro, música, antropologia, pedagogia e, timidamente, literatura.

Buscaremos então encontrar um conceito de orixalidades na literatura afro-brasileira por meio da literatura da escritora Cidinha da Silva, especificamente utilizando seu livro “Um Exu em Nova York” (2018).

---

<sup>1</sup> O termo “afro-teologia” foi aqui utilizado pelo fato da teologia não enxergar como objeto de estudo a afro-religiosidade. Desta forma, o termo separa esse estudo do campo teológico tradicional, visto que alguns autores acreditam que o termo “teologia” não comporta a dimensão que é a cosmogonia ancestral e utilizam o termo “epistemologia”, como Luiz Rufino que trata o conceito de Esú em “Pedagogia das Encruzilhadas” (2019). Além disso, o termo reforça o olhar decolonial para a religiosidade de matriz africana.

Maria Aparecida da Silva, conhecida como Cidinha da Silva é uma escritora negra, brasileira. Nascida em Belo Horizonte em 20 de maio de 1967, possui 19 livros publicados. Seus livros foram traduzidos em diversas línguas, entre: alemão, catalão, espanhol, francês, inglês e italiano. Cronista, contista e dramaturga, a autora também escreveu literatura infantil/juvenil e é formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Também é doutoranda em Difusão do Conhecimento na Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde pesquisa políticas públicas para o livro, leitura, literatura e bibliotecas nos estados da Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro e governo federal, na perspectiva de africanidades.

A autora também foi presidente do Geledés - Instituto da Mulher Negra, que é:

...uma organização política brasileira de mulheres negras contra o racismo e sexismo, tendo como principal objetivo erradicar a discriminação presente na sociedade que afeta indivíduos com essas características, sem desencorajar a luta contra todas as restantes formas de discriminação, tais como a homofobia, a discriminação baseada em preconceitos regionais, de credo, opinião e de classe social, tendo em vista que todos os alvos de discriminação são afetados pela iniquidade que tende a restringir a fruição de uma plena cidadania. (PROJETO VOZES INSURGENTES, 2019, online).

Em 2005, fundou o Instituto Kuanza<sup>2</sup> e também foi gestora de cultura na Fundação Cultural Palmares<sup>3</sup>.

Em uma entrevista ao Canal “Literafro” da UFMG, quando questionada sobre como classifica a literatura que escreve, Cidinha da Silva (2018) explica que existem algumas terminologias que a deixam confortável, como: literatura negra, literatura afro-brasileira, literatura afro-diaspórica e literatura de autoria negra.

Sobre Cidinha da Silva, Silva (2019, p. 249) descreve que:

A literatura desenvolvida pela autora consegue ser, ao mesmo tempo, efetiva e afetiva. Isto é, sua poética abraça estética e eticamente a complexa teia de valores que constitui a expressão da alteridade, seja em situações adocicadas, seja em quadros ácidos. Humor e indignação, além de delicadeza e crítica pontuam a multiperspectiva autoral de Cidinha da Silva. (SILVA, 2019, p. 249).

---

<sup>2</sup> Segundo o Projeto Vozes Insurgentes (2019), o Instituto Kuanza “promove ações de educação, pesquisa, ações afirmativas e articulação comunitária para a população negra”.

<sup>3</sup> Já sobre a Fundação Cultural Palmares, ainda segundo o Projeto Vozes Insurgentes (2019), “é uma entidade pública brasileira vinculada ao Ministério da Cultura, que tem como missão os preceitos constitucionais de reforços à cidadania, à identidade, à ação e à memória dos segmentos étnicos dos grupos formadores da sociedade brasileira, além de fomentar o direito de acesso à cultura e à indispensável ação do Estado na preservação das manifestações afro-brasileiras.”.

A autora possui um forte engajamento em causas raciais e de gênero, sendo uma voz que rompe o silenciamento imposto a essas minorias por meio da literatura.

Segundo Bueno (2019, p. 13), orixalidade diz respeito à:

[...] relação de pertencimento com o mítico sagrado de matriz africana representado a partir da relação sujeito-orixá. Esse pertencimento não está necessariamente organizado a partir de uma iniciação ritual, mas de um relacionamento construído com o reconhecimento dessas tradições como parte da constituição da subjetividade negra. (BUENO, 2019, p. 13).

Tratando de orixalidade, também é importante observar o sincretismo religioso, fenômeno que infelizmente acontece e resulta no apagamento da negritude das religiões afro-brasileiras. Esse sincretismo é o fato de associarem os santos da igreja católica aos sete Orixás cultuados na Umbanda, sendo eles: Jesus Cristo sincretizado com Oxalá; São Jorge, com Ogum; São Sebastião, com Oxóssi; Santa Bárbara, com Iansã; São Jerônimo, com Xangô; Nossa Senhora da Conceição, com Oxum; Nossa Senhora dos Navegantes, com Iemanjá. (BARBOSA JÚNIOR, 2019).

“Quando nossos ancestrais foram arrancados de África e trazidos à força para o Brasil, foram obrigados a adotar a fé do colonizador. Mesmo assim, deram um jeito de continuar praticando seus costumes e crenças”. É o que explica o Professor de Educação Infantil e Fundamental, Daniel Pereira, Babalorixá de tradição nagô-ketu e líder religioso da Comunidade da Renovação Ilê Axé Oxaguian, em entrevista à Caroline Nunes (2022). Desta forma, o povo escravizado fingia cultuar os santos católicos enquanto, de forma inteligente, cultuava na verdade as suas divindades africanas. (NUNES, 2022).

A orixalidade na textualidade de Cidinha da Silva, essa presença dos orixás e entidades, o contato com a religiosidade de matriz africana ao mesmo tempo em que envolvente também aparece de maneira suave, conforme apresentado no tópico a seguir.

#### **4. Orixalidade em “Um Exu em Nova York”**

“Um Exu em Nova York” é um livro de contos escrito por Cidinha da Silva e foi publicado em 2018 pela editora Pallas. Em 2019, o livro venceu o Prêmio Literário Biblioteca Nacional, na categoria contos.

O livro é composto por um prefácio de Wanderson Flor do Nascimento (professor de filosofia na Universidade de Brasília – UnB) e orelhas pela escritora Natália Borges Polessio e pela atriz, dramaturga e diretora de teatro Grace Passô.

O livro “Um Exu em Nova York” possui 19 contos, sendo eles na ordem

apresentada: “I have shoes for you”, “O homem da meia-noite”, “Metal-metal”, “Kotinha”, “Sábado”, “O velho e a moça”, “Maria Isabel”, “Válvulas”, “No balanço do teu mar”, “Lua cheia”, “Marina”, “Farrina”, “Mameto”, “O mandachuva”, “Jangada é pau que boia”, “Akiri Oba Ye!”, “Dona Zezé”, “Tambor das minas” e “Sá Rainha”.

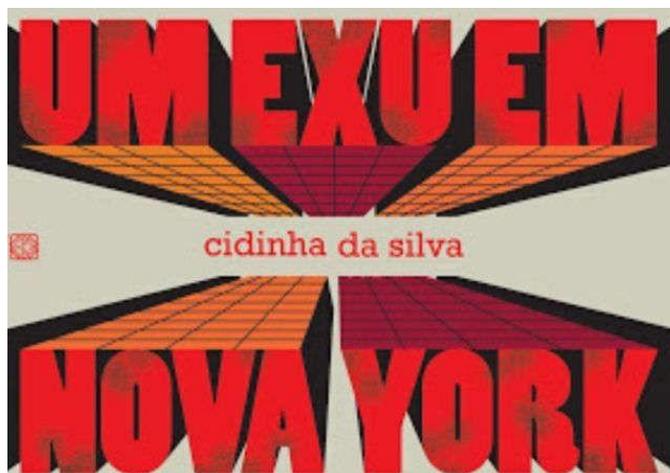
Após a página de rosto, antes da dedicatória e sumário, há uma página com os dizeres “Laroiê Exu!”, que segundo Cumino (2022) significa:

“Olhe por mim, Exu, estou aqui”. Geralmente vem acompanhado de Mojubá, "meus respeitos". Laroyê é uma forma de saudação específica para Exu, é um chamado para ele falar, um convite para comunicar, vem da língua Yorubá e pode significar aquele que fala. Pronunciar “Exu Laroyê”, também traz o sentido de chamar Exu para lhe ajudar, lhe amparar, para ele “levantar”!. Mojubá significa, no Yorubá, “você é grande”, é uma saudação que se faz a todas as pessoas que você tem respeito! (CUMINO, 2022, online).

A obra “Um Exu em Nova York” de Cidinha da Silva (2018) possui uma capa muito icônica e imagética (Figura 1). Exu no Candomblé é um orixá mensageiro, fazendo uma ponte entre os humanos e o divino. Já na Umbanda, são eguns (espíritos desencarnados), em diversos graus de evolução, possuem como um dos propósitos auxiliar o desenvolvimento dos encarnados e podem trabalhar em diversas linhas, entre as mais famosas a encruzilhada. Claro que a definição de Exu vai muito além disso, também há o fato de serem demonizados por outras religiões.

Tendo esse simples conhecimento que a “encruzilhada”, onde se cruzam as ruas formando um “x” na chamada encruzilhada macho ou um “t” na encruzilhada fêmea, observa-se na capa do livro diversos prédios formando essas esquinas (encruzilhadas), algo bem representativo quando se fala sobre Exu.

Figura 1 - Capa do livro “Um Exu em Nova York”, de Cidinha da Silva



Fonte: Silva (2018)

Após a publicação de “Um Exu em Nova York” em 2018, Cidinha da Silva publicou “Exuzilhar” em 2019, mas desta vez uma coletânea de crônicas. Esse neologismo “*exuzilhar*” se torna relevante aqui, já que a literatura desta escritora compreende-se com a já dita orixalidade. Segundo Pasko (2018, p. 7), para Cidinha da Silva:

[...] os orixás não apenas vivem em nós, como também interferem e geram novas atribuições de sentido. Antes substantivos próprios (Oxum, Exu, Ogum), os nomes são adjetivados (*oxúnico*, *exúnico*, *ogúnico*), tornando-se inclusive verbos (*exuzilhar*). (PASKO, 2018, p. 7).

Ainda sobre adjetivar termos que advêm de orixalidades, em seu livro “Um Exu em Nova York”, Cidinha da Silva apresenta um glossário com várias palavras, entre elas nomes de orixás e suas saudações, e a palavra “exuzilhamento”, ao qual é definido como “neologismo que vem sendo utilizado por Cidinha da Silva ao fundir as palavras Exu e encruzilhada, daí o verbo exuzilhar e a palavra exuzilhamento” (SILVA, 2018, p. 76).

É importante destacar aqui que a autora utiliza muito temas como africanidades, orixalidades, ancestralidades, racismo, direitos humanos, entre outros. Sobre “orixalidades”, em entrevista à Marcos Candido, da Uol Ecoa (2020), questionada sobre o que na estética artística dos orixás que lhe chama mais atenção, Cidinha da Silva diz:

Não sei se orixás têm uma "estética artística", eles são uma cosmogonia, eles expressam por meio de seus itãs, de suas narrativas míticas, uma compreensão do mundo. Mais do que isso, eles constroem o mundo a partir de uma determinada ética. Sou eu que bebo dessa ética para construir uma "estética artística". (SILVA, 2020, online).

Em seu conto “Mameto<sup>4</sup>”, em uma breve síntese, o leitor se depara com Mameto, uma mãe de santo “roçona” (lésbica) e discreta. Certo dia, uma filha de santo a apresentou para uma nova namorada, que era a namorada de uma de suas filhas. Foi um escândalo no terreiro a formação desse novo casal, escândalo relatado pela voz do narrador. No fundo Mameto pouco se importava e sorria dançando no salão, enquanto os orixás faziam festa, exceto Exu.

---

<sup>4</sup> No glossário do livro um Exu em Nova York (SILVA, 2018, p. 71), “Mameto” é definido como “zeladora das divindades e das casas-terreiro na tradição angola-congo”.

Observa-se no conto, com relação à orixalidades, que o espaço em que a história acontece é o terreiro (no candomblé também chamado de ilê). O espaço do terreiro é muito frequente na literatura de Cidinha da Silva, além de ser muito representativo como local onde acontecem as giras e diversos tipos de celebrações das religiões afro-brasileiras.

Constatamos também o trecho a seguir:

Como no poema, os dias mais felizes da vida brotavam como erva benfazeja. O céu ruborizou um abóbora iansânico no entardecer dos dias frios. Oxum ria um riso de menina arteira. Os orixás, em festa, criaram um mundo novo, sem aquele trabalho todo que fora carregar o saco da existência.

Só Exu, sábio e cético, trepado na árvore da vida, não se iudia. O trabalho apenas começava. (SILVA, 2018, p. 52).

Verifica-se aqui novamente a questão de adjetivar palavras referentes à orixás, neste caso a palavra “iansânico”, que se refere à orixá Iansã, que segundo o glossário do próprio livro “Um Exu em Nova York”, é a “divindade (orixá) dos ventos, das tempestades e da transformação no panteão iorubá” (SILVA, 2018, p. 76).

Há também a citação do orixá Exu, que novamente segundo o glossário do livro aqui trabalhado de Cidinha da Silva é “o senhor dos caminhos, da comunicação e das encruzilhadas no panteão iorubá; aquele que deve ser saudado e alimentado antes de se iniciar qualquer cerimônia das religiões de matriz africana no Brasil” (SILVA, 2018, p. 76). Sobre Oxum, que também é citada no conto, no glossário do livro é definida como “divindade (orixá) responsável pela fertilidade na terra e pelas águas dos rios no panteão iorubá” (SILVA, 2018, p. 78).

Podemos desfechar então que as orixalidades na literatura afro-brasileira vêm para dar voz às religiões de matriz africana no Brasil por meio da textualidade, buscando uma perspectiva que nega as estruturas com viés eurocêntricos e coloniais.

## 5. Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020. (Feminismos plurais).

BARBOSA JÚNIOR, Hécio Fernandes. **Descruza os braços e gira: saberes e escrevivências na umbanda**. 2019. 151 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em:

<<http://www.repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/5592/1/H%c3%a9lcio%20Fernandes%20Barbosa%20J%c3%banior.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2023.

BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividade no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle.** 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019. Disponível em: <[http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/8966/Winnie%20de%20Campos%20Bueno\\_.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/8966/Winnie%20de%20Campos%20Bueno_.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 11 jan. 2023.

CUMINO, Alexandre. **Laroyê é uma forma de saudação específica para Exu, é um chamado para ele falar, um convite para comunicar, vem da língua Yorubá e pode significar aquele que fala.** 28 abr. 2022. Facebook: Alexandre Cumino Umbanda Sagrada. Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=562455561857476>>. Acesso em: 25 set. 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. In: EBLE, Laeticia Jensen; DALCASTAGNÈ, Regina. (Orgs.). **Literatura e exclusão.** Porto Alegre: Editora Zouk, 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI.** 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: elementos para uma conceituação. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 77-90, 2009. Disponível em: <<https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/9>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

MÉRIAN, Jean-Yves. O negro na literatura brasileira versus uma literatura afrobrasileira: mito e literatura. **Revista Navegações**, v. 1, n.1, p. 50-60, 2008. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/3684>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

NUNES, Caroline. **Orixá não tem cor? Sincretismo religioso e o apagamento da negritude.** Alma preta, 30 mar. 2022. Disponível em: <<https://almapreta.com/sessao/cultura/orixa-nao-tem-cor-sincretismo-religioso-e-o-apagamento-da-negritude>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PASKO, Priscila. Cidinha da Silva e a encruzilhada como escolha literária. **Suplemento Pernambuco**, Recife, n. 152, p. 6-7, 2018.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PROJETO VOZES INSURGENTES. **Cidinha da Silva**. Disponível em: <<https://projetofozesinsurgentes.blogspot.com/2019/09/cidinha-da-silva.html>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVA, Cidinha da [Maria Aparecida da Silva]. **Literafro entrevista Cidinha da Silva**. 22 out. 2018. TV UFMG. (45m33s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fvd07ux8aWQ>>. Acesso em: 7 out. 2022.

SILVA, Cidinha da [Maria Aparecida da Silva]. Quem é a autora negra que mesmo sem contrato grande será lida por milhões? [Entrevista concedida a] Marcos Candido. **UOL Ecoa**. 27 out. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/27/quem-e-a-autora-negra-que-mesmo-sem-contrato-grande-sera-lida-por-milhoes.htm>>. Acesso em: 1 nov. 2022

SILVA, Cidinha da. **Um Exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.